

PORNOCULTURA

viagem ao fundo da carne

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Obra publicada com o apoio da Universidade Paul-Valéry Montpellier 3,
laboratório Irsa-Cri, Departamento de Sociologia.

Claudia Attimonelli, Vincenzo Susca

PORNOCULTURA

viagem ao fundo da carne



Editora Sulina

Título original: *Pornocultura. Viaggio in fondo alla carne*

© Mimesis, Milan 2016 (edição em italiano)

Título em francês: *Pornoculture. Voyage au bout de la chair*

© Liber, Montréal 2017 (edição em francês)

© Editora Meridional/Sulina, 2017

Tradução do francês: *Simone Ceré*

Capa: *Like Conteúdo*

Editoração: *Vânia Möller*

Revisão: *Vânia Möller*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

A872p Attimonelli, Claudia

Pornocultura: viagem ao fundo da carne / Claudia Attimonelli
e Vincenzo Susca; traduzido por Simone Ceré. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.
181 p.

Título original: *Pornoculture: Voyage au bout de la chair.*

ISBN: 978-85-205-0791-9

1. Sociologia. 2. Literatura Erótica. 3. Pornocultura – Cultura
Contemporânea. 4. Literatura Francesa. I. Título. II. Susca, Vincenzo.

CDD: 301

CDU: 316

840-4

890

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440, cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90.035-190 – Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Outubro/2017}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

- 7 | Prefácio: Bem-vindo à pornocultura

- I – GENEALOGIAS
- 15 | O Renascimento, a Reforma e a virada barroca
- 24 | Além do humanismo
- 30 | As cicatrizes, o erotismo e a ressurreição obscena
- 38 | Do Sputnik à televisão: excursão midialógico

- II – O DIVERTIMENTO RADICAL
- 47 | As Love Dolls
- 54 | Gozar entre os pés
- 56 | Em torno da *História do olho* e das bonecas de Bellmer
- 63 | O meio fotográfico, transição entre fetichismo e performance body art
- 70 | *O jardim dos suplícios* ou *The Torture Garden*

- III – *AUGMENTED* LIBIDO
- 79 | Pornohorror, a imagem é o horror
- 87 | *A via crucis* do fetichismo
- 94 | A religião e a representação do pornô: *Nunsplotation*
- 97 | Em torno do *gore* e das paródias
- 101 | Fatwa contra o pornô
- 104 | O pornô fora do pornô: o festival
- 107 | Tecnopornologia: *porn you*
- 117 | Heterologia das regras: o ciclo digital de uma fotografia
- 124 | Gif pornô e enquadramentos barrocos:
a *mise en abyme* da carne

- IV – A OBSCENIDADE INTEGRAL
- 131 | O pornoerotismo, as redes e o cotidiano
- 137 | A carne e o verbo
- 145 | A pornocultura se fez espaço
- 147 | A pornocultura se fez tempo
- 153 | O obsceno e o real
- 158 | Desfalecer

- 163 | Referências
- 177 | Literatura e poesia
- 178 | Iconografia
- 179 | Sitografia
- 179 | Filmografia
- 181 | Videografia

Longa vida à nova carne.

David Cronenberg, *Videodrome*, 1982.

Prefácio

Bem-vindo à pornocultura

O gosto do prazer nos liga ao presente.

O cuidado de nossa salvação nos suspende no futuro.

Charles Baudelaire, “Meu coração desnudado”, *Diários íntimos*, 1864.

Vitrines eletrônicas, lingerie erótica, *jockstraps*, algemas de pele, adesivos para seios com pingentes, GIFs pornôns, *live cams*, *gay-for-pay*, *str8-to-gay*, *sex movies*, *chat rooms*, *online dating*, *Chatroulette*¹, *love dolls*, *realcore*, *horror porn*, *fuckèng machines*, *selfies* sedutoras: dissoluto e faustoso, cru e superexposto, o pornô triunfa e prolifera por toda parte, das malhas da rede aos contextos urbanos, das telas midiáticas aos interstícios do cotidiano, invade as tramas da vida pública, superaquece as conexões eletrônicas e impregna de fantasias a socialidade contemporânea. Faz-se ambiência.

Quais são as origens e a genealogia desta cena convulsionada? Quais são seus efeitos?

As viagens mais apaixonantes partem de longe e vão longe, em particular quando aspiram à profundidade. Nossa pesquisa, que toma o rasto desse desejo, tem por objetivo apreender – no vaivém entre suas superfícies mais evidentes e seus fundamentos mais insondáveis, na continuidade, mas sobre-

¹ Site de *chat* de vídeo cuja particularidade é colocar os internautas em contato de maneira aleatória. O nome Chatroulette é a junção dos termos *chat* e *roulette* (roleta), em referência ao jogo de azar. (N.T.)

tudo na distância entre ontem e hoje – o significado, não da pornografia, mas disso que sugerimos definir como “pornocultura” contemporânea, no sentido de que diz respeito não a um setor de nicho de oferta midiática, mas a um eixo simbólico, um paradigma estético, uma sensibilidade difusa de nosso tempo e do contexto ocidental.

Sob o impulso dessas hipóteses, o que propomos aqui não é um estudo do pornô ou sobre o pornô, mas uma interpretação do imaginário societal e de suas práticas a partir do pornô, baseada na matriz “pornoerótica” inédita que reestrutura sua alma e suas formas, como tentaremos mostrar. A escolha do termo “pornoerotismo” é ditada por critérios interpretativos, pois é por meio desse suporte semântico que pretendemos atenuar a diferença entre pornô e erotismo em nome do que essas duas dimensões compartilham, considerando-as como dois polos de uma mesma tensão. Com efeito, nesse espaço, agita-se a reversibilidade entre *eros* e *thanatos* que erotiza o universo pornô, acarretando uma familiarização com suas representações mais radicais, e inunda ao mesmo tempo de libido e de imagens *sexy* as dinâmicas amorosas ordinárias. É exatamente aí, na fissura do aparente oximoro “pornoerotismo”, que se esconde o sentido da pornocultura.

Nessa perspectiva, o grau de visibilidade midiática dos órgãos genitais durante os jogos sexuais importa pouco, assim como a questão de saber se um conteúdo libidinoso afronta ou não o sentido de pudor tem apenas pertinência relativa: o que nos interessa, para além da transparência ou da opacidade da imagem, é antes sua propensão a pôr em movimento uma máquina do desejo, a capacidade que tem de acionar um dispositivo voluptuoso, na medida em que ela solicita um instinto carnal,

graças a uma acessibilidade inaudita aos instrumentos do prazer, à tecnologia e à interatividade. Ou seja, o fato de que uma tensão pornoerótica, justamente, perturba esta cena ou se origina dela.

Como esta sensibilidade foi exercida ao longo dos últimos séculos? Até que ponto ela se insinuou? Que nova condição anuncia?

Com efeito, após desempenhar por muito tempo o papel de escandalizar, de fustigar a moral pública instituída e de criticar o bom gosto em nome do prazer e do corpo, depois de ter irrigado de carnalidade eufórica a literatura, o teatro, a fotografia, o cinema, a história em quadrinhos, a moda, a publicidade, as redes de televisão e outros meandros da indústria cultural, o reino do pornoerotismo confluiu para a cultura *pop*, a ponto de constituir um de seus pilares e, mais em geral, um dos fundamentos da *Stimmung*², tornando-se a figura emblemática da emoção pública em gestação no mundo atual. O que resulta disso? Uma espécie de pornificação do cotidiano, visível não apenas on-line, mas também nos acessórios das lojas e dos mercados, no *design* e na linguagem corrente; por consequência, uma edulcoração do pornô de largo acesso, regenerado em uma infinidade de práticas sempre novas através de um jogo de reversibilidade constante entre o íntimo e o compartilhado, o privado e o público, o pessoal e o coletivo: enfim, uma radicalização do *hard* (*shock sites*, *horror porn*, proliferação de categorias e de hábitos extremos).

Nosso percurso tem como ponto de partida uma análise que revela na história do olho – título, não por acaso, de um célebre romance licencioso de Georges Bataille (2006) –, na perspectiva do olhar e, depois, na difusão social da impressão os

² Termo surgido no século XVIII, na teoria musical, como relação de proporção entre tons e instrumentos, apropriado em seguida pelas ciências humanas, notadamente pela estética e a filosofia. Aqui compreendido como o clima, o espírito da época. (N.T.)

primeiros fundamentos da neutralização progressiva do erotismo em curso no seio da vida coletiva no Ocidente, a partir, ao menos, da Renascença. Procedendo em seguida por excursões históricas e saltos de tigre benjaminianos, da aurora ao zênite e ao crepúsculo do humanismo, nossa pesquisa nos conduzirá ao novo milênio, em que a crise do indivíduo moderno, a derrubada das estéticas tradicionais da masculinidade e da feminilidade, conjuntamente com a copresença de novos temas on-line, fabricam uma pornocultura cada vez mais extensa e difusa, que surgiu principalmente nas redes eletrônicas para se derramar sobre todas as tramas do território físico e da vida material.

Apoiando-se na prática do *User Generated Content* (UGC), usuárias e usuários da Web 2.0 propõem, de fato, no cotidiano, uma quantidade crescente de conteúdos lúbricos, alimentando *sites* que transbordam de vídeos e fotografias de amadores, plataformas de *social* e *swinging networks*, ou ainda trocas privadas de *selfies*, que superpõem sexo a relações afetivas através da tela. Nesse sentido, Youporn, Xtube, Xhamster, Gaymaletube e Porntube, entre tantos outros, junto com as plataformas de geolocalização de finalidade erótica e todos os outros espaços do prazer on-line, confirmam e consolidam o vínculo cada vez mais estreito entre erotismo e mídias eletrônicas.

Em uma perspectiva transdisciplinar que abarca sociologia do imaginário, filosofia, cultura visual, *porn* e *gender studies*, midialogia e estética, pretendemos aqui, com a cumplicidade do leitor, considerar a atual ruptura epistemológica que emana do tecido societal, captada pelas mídias e encarnada nos estilos de vida contemporâneos, dos quais a pornocultura parece ser a causa e o efeito – uma mudança de paradigma densa de consequências para o futuro.

Que imaginário preside a mutação em marcha? Quais são os protagonistas das performances pornoeróticas que marcam nossa época? O que os ritos pagãos, os orgasmos múltiplos e as trocas desse teatro sem paredes do obsceno sacrificam e batizam?

A partir do vínculo íntimo entre mídias e vida cotidiana, sondaremos as dinâmicas de consumo e de recreação do pornô interrogando como essa paisagem muda ao mesmo tempo que seus atores: participação e partilha de conteúdos *bot* se apresentam, então, como pródromos de uma socialidade excessiva que reflete e atualiza as luzes e as sombras da orgia antiga.

Seguindo o fluxo dos dados digitais atuais, as pulsações da carne eletrônica e a exaltação de uma navegação cada vez mais desenfreada e ritmada pela volúpia, pelo consumo e por uma busca do prazer que coincide com o momento em que o sujeito *desfalece*, este ensaio combina capítulos teóricos e aprofundamentos sobre certos fenômenos do pornoerotismo contemporâneo, interpretações e relatos do imaginário que se libera das malhas da Web e dos cenários da experiência coletiva.

Saturação da pornografia tradicional, proliferação de fetichismos visuais, travessia das fronteiras rígidas do *gender* para verter em um roteiro erótico *transgender*, onipresença da sedução, estímulo vertiginoso dos desejos, consumo e consumação do corpo em todas as suas declinações: estamos na época da obscenidade integral, na qual a carne, *meio* e mensagem de nosso tempo, se faz verbo, na qual o sexo está por toda e em nenhuma parte.

Bem-vindo à pornocultural!

A viagem está apenas começando...

Claudia Attimonelli, Vincenzo Susca³
Bari-Montpellier, 15 de outubro de 2016

³ O livro foi inteiramente concebido e escrito a quatro mãos. No entanto, por razões puramente acadêmicas, precisamos que os capítulos II e III são de responsabilidade de Claudia Attimonelli e os capítulos I e IV de Vincenzo Susca.